EXPEDIENTE.

— Tivemos o gosto de receber o artigo sobre a questão vinicola: será mui proximamente publicado.

— Temos em nosso poder as primeiras paginas de uma collecção de contos populares e nacionaes, com que o Sr. Palmeirim brinda os leitores da Revista. Para os que já conhecem o auctor da *Lareira* e da *Tempestade*, basta dizer-lhe, que a sua nova producção se denomina — Recordações da Peninsula. — Começaremos a publica-las em o numero seguinte.

— Não ficará sem o devido reparo o facto, que mais de uma vez tem praticado a *União*, de se utilizar dos nossos artigos, sem nos citar, apezar de termos justos motivos para esperar, que esse abuso não continue.

— Ao nosso correspondente de Béja agradecemos a sua carta, e dezejamos receber as informações que nos promette.

Publicações recebidas: — Os tres primeiros numeros da nova serie do jornal das Sciencias Medicas. — Numero 23 do jornal da Sociedade Catholica. — Revista Contemporanea.

CONHECIMENTOS UTEIS.

CHOLERA MORBUS.

137 Com o mesmo receio, com que escrevemos algumas linhas, ácerca dos tremores de terra, quando mui repetidamente nos ameaçavam, vamos hoje cumprir o dever de tractar de um assumpto, que tem merecido a attenção de toda a imprensa.

Logo no primeiro numero da nossa redacção, démos cabida a um artigo, ácerca da *cholera morbus*; e mui de proposito, não aventurámos a esse respeito nenhuma consideração.

Ao presente não podemos ficar silenciosos, sem faltar ao cumprimento dos encargos, que tomámos com a redacção d'este jornal.

Seremos francos na manifestação dos nossos dezejos e da nossa opinião.

Quanto a nós, a discussão d'esta materia, resume-se em tres pontos.

¿ Será provavel que a cholera percorra de novo todas as nações da Europa?

¿ Será uma epidemia contagiosa?

¿ Haverá meios de promover o seu desapparecimento e de combater os seus estragos?

A resolução da primeira questão, seria uma temeridade; e com tudo é a que mais desperta a anciedade publica.

Todos desejam saber onde pára o flagello, e se avança na sua marcha; mas poucos tractam de indagar, se é possivel evitar a sua invasão, ou se haverá meios de o curar.

Em nossa opinião, as noticias relativas á cholera, são a coisa menos importante; convem n'este ponto ser verdadeiro, para que se não abuse da credulidade publica; mas é mister a maior prodencia, para que os boletins noticiosos, que se publicam, não aterrem, sem necessidade e sem causa. O bom senso póde, n'este sentido, fazer muito mais do que o saber.

Por tanto, ácerca do primeiro ponto da questão, apenas se deve convir, em que tendo infelizmente a epidemia invadido a Europa, exige a prudencia, que se considere a probabilidade da sua progressiva marcha, sem a dar como facto incontestado, pois que não é já a primeira vez, que, sem progredir, se desinvolve na Europa.

Muita gente, na melhor boa fé, quando applica estes principios a Portugal, diz que é conveniente aterrar para ver se assim se faz alguma coisa.

Não pensamos deste modo. Em outra occasião provaremos que nem por esse meio se alcança o que falta, porque a organisação de uma sociedade não se improvisa; e a transicção em que estamos ha meio seculo, é fatal para soffrer qualquer dessas graves calamidades que por causas occultas para a vasta comprehensão humana, vem contristar as nações.

O ponto mais importante da questão é o que se refere á natureza da epidemia.

¿ Será ou não contagiosa?

Nesta questão se involve um problema que abrange os interesses economicos da sociedade.

O estudo deste ponto é vasto e grandioso.

Quando uma geração, herdeira da sciencia de tantos seculos, pretende applicar esse deposito preciosissimo á obra maravilhosa de uma civilisação, em que só reine a virtude e o trabalho, é do maximo interesse averiguar se póde existir uma causa que obrigue a tornar inuteis, pelo menos por algum tempo, os mais admiraveis esforços da intelligencia.

O trabalho, que é hoje como o sangue e a vida dos individuos moraes chamados nações, é tambem o principio, que anima e liga o grandioso ser, formado por todas essas nações, o qual mal se póde comprehender. Mas é por meio do commercio que se realisam os grandes feitos economicos que constituem esse viver.

¿ Sem o commercio, sem a facilidade das trocas, o que seriam a producção, a distribuição e o consumo da riqueza?

Que talentos, que somma enorme de riquezas, e que esforços de trabalho se não teem empregado para encurtar as distancias?

Imaginae que na Europa se declara uma epidemia contagiosa, e vereis a humanidade, que para seu proveito realisára tão altos pensamentos, sacrificar o presente e o futuro ao mais nobre sentimento.

A piedade obrigará as nações a isolarem-se, e o povo empestado será como aquelle ente desditoso sobre os padecimentos do qual Xavier de Maistre tem feito derramar as lagrimas de todos os leitores do seu *Leproso*.

Seria crime atroz não fazer estes sacrificios, quando os factos o exigem, mas não seria tambem menos criminoso o receio vão que sacrifica a uma chimera os interesses do commercio.

Os medicos e os economistas teem percebido perfeitamente as conveniencias de tractar esta materia; mas infelizmente em geral: quanto ás differentes epidemias ainda está sem resolução.

Quanto á cholera não ousaremos avançar — se está completamente provado, que seja ou não contagiosa; parece-nos, que a maioria das opiniões concorda em que o não é.

É esta occasião de fallarmos sobre a parte que tomou nesta questão a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.

O parecer da commissão, nomeada para apresentar as bases da discussão e que foi impresso em differen-

tes jornaes, parece-nos, que se divide em duas partes, tractando a 1.ª de resolver o ponto de que estamos fallando, — e a 2.ª contendo alguns alvitres aos quaes tomaremos a liberdade de chamar administrativos, pois que realmente os conselhos em que os apresentam seriam inuteis sem o concurso activo do governo.

A discussão já foi começada e continua todos os sabbados pelas 6 horas da tarde. — Tem havido concorrencia. Alguns dos socios, como Srs. Magalhães Coutinho e Albino, teem defendido a inutilidade dos lazaretos e quarentenas, e o Sr. Dr. Beirão tem demonstrado a utilidade de todas estes cuidados de policia sanitaria externa. Pelo começo não estamos ainda habilitados para julgarmos tam importante discussão.

Além dos factos ahi apresentados, e no parecer em defeza da opinião, de que a cholera não é contagiosa ha um, que não devemos occultar. — Pertence á legislação moderna da França.

Quando a cholera em 1831 ameaçou a Europa, as providencias, tomadas em França pelo governo da revolução de julho, não deixaram de se assemelhar ás que havia inspirado em 1720 a celebre peste de Marselha; e ás que Luiz XVIII tomou em 29 de septembro de 1821, ordenando que nas fronteiras se pozesse em execução o regulamento de 15 de agosto de 1683 relativo aos portos de Toulon e Marselha, bem como as declarações, que diziam respeito ao commercio do Levante, feitas em 26 de novembro de 1729, e o que se providenciou ácerca das provincias do Languedoc, Provença, Roussillon, e a quarentena de *Marselha* nas *ordenanças* de 30 de janeiro de 1748 e 17 de agosto de 1786.

A França despendeu largamente para se isolar dos sitios que a cholera invadia. Se não receassemos que o artigo nos sahisse longo em demasia, descreveriamos aqui o que sobre o caso temos na memoria; mas limitar-nos-hemos a repetir o que lêmos no mais accreditado Diccionario de Commercio da Europa, quando termina a miuda narração de taes providencias.

« Apezar de todas as precauções, um dia, quando o flagello se aborreceu de Londres, um passo de gigante o levou a Paris, sem que a população aterrada por tam subita apparição podesse adivinhar por onde havia entrado. »

O esboço que temos feito deste ponto revela a vantagem de o discutir.

Parece-nos que fazemos algum serviço chamando sobre elle a attenção de todas as pessoas competentes.

Não é de menos importancia o terceiro e ultimo ponto, que involve a questão de encontrar os meios de promover a sua declinação e de evitar os seus estragos por meio de uma cura acertada. É esta a parte para que somos mais completamente incompetentes.

As descobertas do espirito humano são tam pasmosas no dominio da sciencia, que é possivel ter a esperança, que as sciencias medicas terão um dia a gloria de vencer este flagello.

O desejo de simplificar a questão obriga-nos a apresentar a maneira como a imaginamos dividida; mas os nossos apoucados recursos, e a prudencia, apenas permittiram, que mui de leve tractassemos os pontos, que por direito pertencem a quem fôr mais competente do que nós. Acerca do que avançamos sobre a influencia malefica, que póde ter sobre a epidemia, o estado da nossa organisação social, provaremos o que dissemos em um proximo artigo, sobre Hygiene Publica.

RELAÇÃO DAS PATENTES DE PRIVILEGIOS DE INVENÇÃO OU INTRODUCÇÃO CONCEDIDAS NOS TERMOS DO DECRETO DE 16 DE JANEIRO DE 1837 DURANTE O ANNO DE 1847.

Aproveitamos a occasião de publicar a presente relação, para offerecermos as columnas d'este jornal aos proprietarios, não só das patentes aqui mencionadas, mas de outras quaesquer, a fim de poderem publicar pela imprensa o que pensam sobre a *invenção* ou *introducção* do invento, a que se refere a sua patente.

Fazemos este convite com a esperança de que possa concorrer para o melhoramento da Industria Nacional.

ALVAIADE.

138 *Francisco Martins* (de Lisboa) — Novo methodo de fabricar alvaiade — (3 de julho — 15 annos.)

CANALISAÇÃO.

Verissimo Alves Pereira (do Porto e Lisboa) — Novo systema de canalisação terrestre e sulfluvial composto de certos apparelhos denominados — fontes domesticas — conductos extractores d'agua — syphões mechanicos — hydrometros distributivos — depositos reguladores — bombas aspirantes e compressorias de duplo effeito — novas fontes publicas, e uma machina para arejar e bater a agua — (5 de outubro — 15 annos.)

ESMALTE.

Joaquim Antonio da Silva Guimarães (do Porto) — Processo chimico para esmaltar os objectos do ferro coado maleavel, ferro coado, cobre, latão e bronze — (15 de outubro — 14 annos.)

FUNDIÇÃO.

José Victorino Damasio (do Porto) — Processo chimico para fabricar ferro maleavel ou tornar maleaveis os objectos de ferro coado — (15 de outubro — 14 annos.)

IODE.

João Mousinho da Silveira e *Francisco Martins* (de Lisboa) — Processo para extrahir iode de plantas marinhas — (12 de maio — 15 annos.)

Declararam, que as plantas de que se serviam, se denominavam wareks.

ILLUMINAÇÃO.

Augusto Charpentier e C.ª (de Lisboa) — Novo methodo de fabricação de vellas de cebo, denominadas, Adipocire.

NAVEGAÇÃO.

João de Deus (de Lisboa) — Machina de navegação

sem vento, vapor, ou combustivel algum, machina util e economica — (9 de agosto — 15 annos.)

OLEOS.

Julio Maximo de Oliveira Pimentel (de Lisboa) — Processo para extrahir as partes solidas aos oleos de Dendem ou Palma e Côco — (12 de maio — 15 annos.)

PAPEL, CORDAGEM E TECIDOS.

João Baptista Roque (de Lisboa) — Novo methodo para extrahir das plantas — agarico — bananeira — palmeira anã — canna karatá — junco e caniço — piteira — esparto — linho de manilha — phormium tenax — os filamentos proprios para fabricar papel, cordagem e varios tecidos, e bem assim para manufacturar os mencionados objectos com os dictos filamentos — (7 de julho — 15 annos.)

TUBAGEM.

Edme Augustin Chameroy (de Lisboa) — Novo systema de tubos de folha de ferro, betume e argamaça romana — (9 de setembro — 13 annos e 3 mezes.)

Jacintho José Guerreiro (de Lisboa) — Novo processo para fabricar tubos de chumbo e estanho, sem soldadura — (7 de outubro — 15 annos.)

ALVITRES EM FAVOR DA NOSSA AGRICULTURA.

O seguinte artigo foi-nos remettido de Vianna do Alemtéjo. A Redacção, apesar de não dever por em quanto emittir a sua opinião ácerca de um assumpto de que vae tractar com brevidade, deseja manifestar a muita satisfação que sente, vendo que os nossos agrónomos vão reconhecendo a absoluta necessidade da instrucção agricola. Quando esta necessidade fôr uma idéa popular em todo o paiz, não será para admirar que entre nós se estabeleça alguma instituição similhante ao Instituto de Grignon, da qual demos conta em o numero 3 para chamar a attenção dos leitores sobre um ponto de tanta transcendencia.

---

139 Muitos jornaes tem nestes ultimos tempos procurado melhorar a agricultura, e entre todos se tem distinguido a REVISTA. Mas os dois pontos em que sempre se tem insistido, são: libertar a terra dos onus que a opprimem, e a introducção de novas culturas, e instrumentos. São realmente os dois pontos cardeaes; mas intendo que ha ponto intermedio sem o qual nunca se obterão aquelles.

A introducção de novas culturas acha resistencia nos habitos, genio, e prevenções dos nossos lavradores: — 1.° porque pouco amigos da leitura, ou mesmo sem saberem ler, nunca vêem um artigo de jornal: — 2.° não se querem expôr a uma experiencia, que quasi sempre, por mal dirigida, não produz o desejado resultado: — 3.° porque os artifices não lhes sabem construir os instrumentos: — 4.° porque os trabalhadores, inimigos dos seus proprios interesses, procuram quanto está ao seu alcance para transtornar tudo que é innovação: — 5.° finalmente, poucos meios de communicações, difficuldades em obter sementes, instrumentos, e esclarecimentos necessarios.

Todos os considerados inconvenientes se podem remover com o estabelecimento em cada capital do districto de uma lavoira modello ou eschola pratica de agricultura, que satisfizesse os seguintes fins: — 1.° experimentar todo o genero de cultura: — 2.° mostrar as mais proprias e productivas, o methodo de sua cultura, e as machinas, ou instrumentos proprios para ella; — 3.° provar pela receita e despeza, o interesse que resulta; — 4.° ter para vender ou receber encommendas de todos os instrumentos, ou machinas, modificados ou novos, que se usassem no estabelecimento, por preço certo e razoavel; — 5.° ter egualmente machinas, taes como a verruma artesiana, e outros instrumentos de maior custo, para alugar modicamente, sendo servidos por operarios do estabelecimento; — 6.° vender com modico ganho toda a qualidade de sementes novamente introdusidas; — 7.° distribuir com as sementes, ou instrumentos, instrucções impressas da maneira porque se devem usar destes, e cultivar aquellas; — 8.° finalmente, facilitar a todos o exame do estabelecimento, e suas culturas em todo o estado dellas.

Um estabelecimento destes produsiria taes vantagens, que acho ocioso enumeral-as: direi só, que vendo os nossos lavradores praticamente o interesse que resultasse dos novos methodos, e tendo facilidade de obter instrumentos, e sementes, convencer-se hiam da melhoria, deixando os seus prejuizos antigos.

Visto que lembro o estabelecimento e seus fins, devo lembrar o meio de o sustentar. Mande o governo que as juntas geraes votem a dotação do estabelecimento, cuja dotação derramem pelas camaras na proporção das decimas que os conselhos pagam, e egual regra sigam as camaras para com os particulares. Quanto a edificio e terreno, muitos tem o estado asados para o fim, e arrendando-se mesmo no caso de em algum districto o não haver, não é a despeza consideravel.

Isto que parece um gravame mais, não o é, porque só nos primeiros annos será a quantia mais avultada, e todos os annos diminuirá successivamente, sendo bem dirigida, pelos productos da mesma lavoira. A pequenissima quota que pertencerá a cada contribuinte, é sufficientemente indemnisada pela incalculavel somma de vantagens que dahi se tirará.

R. C. S. C.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GAFEIRA DO GADO LANIGERO.

140 Se ha flagello, que arruine com mais promptidão os rebanhos do gado lanigero, e se ostente no meio dos estragos que faz o mais indomito e rebelde aos recursos, que empregam os nossos lavradores, é sem duvida alguma a gafeira. — Insultando no primeiro arremêço a maior parte das rezes lanigeras de um armentio; propagando se destas ás demais e depois por milhares de vias a outros rebanhos, a gafeira devasta sem piedade, todos os annos, centenares de rezes correndo de uma para outra parte extensões immensas,

com incrivel rapidez. — Como todas as enfermidades epizootico-contagiosas, é temivel não tanto pela perda das que sucumbem no primeiro assalto, como pelo que depois se segue generalisando-se o mal pelo contagio. — Parece pois, que se deveria por meio de providencias bem entendidas, procurar atalhar a sua propagação; a fim de que, quando não fosse possivel evitar o seu desinvolvimento, ao menos se minorassem suas fataes consequencias. — Parece mesmo, ser da maior utilidade que essas providencias, uma vez sancionada pela experiencia se estabelecessem deffinitivamente, de modo que na occasião do perigo os lavradores se não vissem perplexos em suas resoluções, deixando com esta sua indecisão lavrar o mal, quando se a tempo soubessem o que convem fazer, o poderiam extinguir com uma perda infinitamente menor. — Mas por infelicidade nossa não é isto o que se faz; e não obstante os repetidos exemplos desta molestia todos os annos, o estrago que causa e o desespero a que reduz o proprietario, nada se faz contra ella e até nada se diligenceia fazer. — Será isto indolencia — será resignação — será costume? — Não sei: o que é certo é que nós nesta parte damos um estupendo exemplo ás outras nações, que não obstante terem o centuplo desta qualidade de gado, fazem mais caso da morte de uma rez, que nós de rebanhos inteiros. — Por isso tambem em troco, para cá nos mandam, os seus estofos e lanificios, que irrisoriamente contrastam com os nossos — *boreis!*

Creio pois que algumas instrucções puramente *praticas* desta molestia, em que se exponham os meios de preservar as cabeças sãas do contagio, remediar as enfermas, e mui principalmente os de minorar a malignidade da molestia de maneira, que mesmo aquellas que ella atacar, não ponha em risco de vida, não deixarão de ser acceitas pelos possuidores deste gado, aos quaes especialmente as dedico, como voto que faço pela sua prosperidade.

A gafeira é uma inflammação pustulosa da pelle, — de character contagioso, — particular ao gado lanigero, e ao cabrúm, mas mais ao primeiro — atacando o animal uma só vez; insultando porém muitos de um só assalto, pelo que se tem por epizootica; ás vezes mais n'umas que n'outras localidades, pelo que tambem a reputam enzootica.

Tem toda a analogia com as bexigas da especie humana, e, como esta, é desconhecida a sua origem, e duvidosas as causas de sua procedencia.

Apparece com os seguintes symptomas, classificados em quatro periodos ou tempos.

1.ª *Invasão.* — As rezes atacadas mostram-se tristes, abatidas, — andando de vagar com a cabeça baixa, orelhas descaidas, olhos mortaes, pernas recolhidas, — perdem o apettite, não ruminam e tem febre. — Estes symptomas pronunciam-se cada vez mais, e essencialmente a febre até ao quarto dia, apparecendo mais — sede ardente, — respiração difficil e accellerada, que se conhece mui bem pela agitação dos flancos, — ha dôr por todo o corpo, mais manifesta no lombo e no vasio direito, — o halito deita um cheiro desagradavel.

2.ª *Erupção.* — Depois do quarto dia os symptomas precedentes minoram, a febre calma-se; e começam a apparecer nas partes, que não teem lã, nodoas vermelhas, que incham e se fazem em botões palidos ou lividos, de fórma, tamanho e quantidade variaveis: a vermelhidão da nodoa subsiste de ordinario, fazendo um circulo, á roda de cada bexiga.

3.ª *Suppuração.* — Pelo oitavo ou nono dia da molestia os botões teem adquirido todo o crescimento; alguns são do tamanho de uma fava; mostram-se duros, quentes, e dolorosos; os symptomas geraes do primeiro periodo quasi tem desapparecido, e a rez como que recobra o seu estado habitual. — Mas logo a febre torna a voltar, e nos botões effectua-se uma secreção, em resultado da qual se cria um pus, que sulapa a pellicula externa da pelle; o botão deprime-se, faz-se branco e molle. — Picando então um dos botões mais grados, sahe um liquido aguado, limpido e ligeiramente acendrado; um pouco mais tarde este liquido será mais abundante, porém menos aguado, mais espesso e de côr amarellada ou esverdeada. — Em qualquer d'elles vem o maleficio todo da molestia, e por isso, se com o bico da lanceta, molhado n'elle, se picar uma rez sã, esta logo adoecerá da mesma molestia.

4.ª *Excicação, descarnação.* — O liquido dos botões, que a principio era aguado, e depois espesso e purulento, une-se com a pellicula e fórma uma *crosta.* — Esta ou se despega, deixando sahir o pus, e ficando na pelle uma ulcera irregular, ou continúa ficando preza: n'este ultimo caso, o liquido vae se condensando cada vez mais, até que por fim secca de todo, a crosta desfaz-se em *caspa.* — Nem todos os botões formam crosta; n'alguns, o pus, chegando ao perfeito estado de madureza, rompe a pellicula e corre para fóra; outros nem arrebentam nem formam crosta; resolvem se, sendo o virus, que continham, puxado para dentro.

A sécca dos botões, até ao esfarellamento das crostas, dura ordinariamente quatro a cinco dias. — A molestia está então acabada, as rezes breve recuperam a alegria, as fôrças, o apettite e ruminação, e já não ha perigo de se ajuntarem ás sãas; mas não obstante a prudencia aconselha, que ellas continuem por mais algum tempo apartadas e arregimentadas, como quando doentes, a fazer quarentena.

A gafeira, que segue a marcha e os periodos que ficam designados, sem notavel violencia nos symptomas, chama-se *regulár* ou *benigna*; obedece quasi sempre ás fôrças da natureza e causa poucas mortes: o melhor meio de a curar é deixar obrar a natureza, pondo os enfermos a regimento, e n'uma habitação saudavel; porém por effeito de um sem numero de circumstancias, a gafeira affasta-se do seu curso ordinario, e rebenta com symptomas violentos e assustadores, character maligno e tendencias, desde logo, a um resultado funesto. Chama-se esta *irregular* ou *maligna.*

Na irregular, a invasão ou é rapida ou demorada; no primeiro caso dura apenas dois dias, no segundo prolonga-se até ao setimo ou oitavo dia. Em qualquer d'elles os symptomas são aggravados ao mais alto ponto. — A febre acabrunha a rez, a ponto de não poder andar, e se cahe no chão, não se póde levantar; o coração bate desordenadamente, sentem-se-lhe as pancadas, pondo-lhe a mão do lado esquerdo: ha notavel anciedade e ronqueira na respiração, que se ouve ao longe; a dôr no espinhaço é tão forte, que se se lhe toca, a rez toda se confrange, cahe no chão e entra em convulsões; o halito é excessivamente fe-

tido, a sede insoportavel, e todo o corpo manifestamente quente. Um fluxo de muco amarellado, sanguinolento e fetido começa a sahir pelas ventas, e baba não menos abundante e corrupta pela bocca; vem a tosse, e a lãa cahe.

No segundo periodo os botões ou bexigas não só vem ás partes faltas de lãa, mas se generalisam ao corpo todo, e não sahem espalhados, porém confunfundidos em grandes pulmões ou tumores, alguns que nascem á parte não são circumscriptos, porém diffusos ou *confluentes;* os que vem á cabeça fazem-na inchar disformemente; outros vem ás palpebras, dentro da bocca e do nariz, donde resulta muitas vezes os olhos dessorarem-se, e formar-se depositos gangrenosos dentro da bocca e cavidadss nasaes, cujo virus sendo absorvido causa a morte.

A febre não minora com a nascença das bexigas, antes continua mais intensa.

A suppuração dos temores, ou botões é difficil e imperfeita, muitos resolvem sem rebentar o que é máu; outros abrem ressumando um humôr dessorado, amarello e corrosivo; — alguns outros fazem-se *entaboados*, e em extremo doridos; acontece isto mais aos do pescoço; a pelle que os cobre é livida ou negra, e não tem lã alguma; finalmente outros suppuram muito, a materia destroe os tecidos subjacentes, e se estão visinhos dos ossos ataca-os *cariando-os.* — Se circumstancias particulares, como um ar frio, alimentos de má qualidade, uma irritação interior etc., succedem nesta occasião da molestia, os botões supprimem se. todo o pus que tinham para expulsar é puxado para dentro sobre os orgãos nobres; sobrevem a diarrhea, o ventre incha, e a rez morre.

Este mal dura n'um rebanho até 90 dias, e repete em tres vezes ou *luas* os seus assaltos; vem como vulgarmente se diz ás *revoadas.* Na primeira são victimas as rezes mais fracas; na segunda a molestia ceva-se com furor duplicado nas rezes mais robustas, e faz mais destroço; na terceira é menos maligna, e nas poucas victimas que rouba, bem mostra que seu poder está a acabar.

Ataca os lanigeros em todas as estações indistinctamente; sua malignidade é com tudo menor na primavera e outono: no verão e inverno é mortifera, por que tanto o calor como o frio excessivos exacerbam o seu poder. — Os frios intensos algumas vezes embargam seus primeiros passos e a suspendem como por encanto; porém esta suspensão é temporaria, porque logo que a temperatura se suavisa, ella volve os campos com mais sanha.

A edade, a dentição, a prenhez e molestias já existentes influem poderosamente na regularidade da molestia, aggravando quasi sempre o seu caracter. As rezes novas, por isso que são mais irritaveis e dispostas ás inflammações, ganham o mal mais decididamente, a qual achando nellas elementos de que se manter, lhes causa damno mais profundo. — Estas rezes custam depois a restabelecer-se, e conservam-se pelo geral em máo estado de carnes (estranguilhadas.) Mas assim como são as que succumbem mais, sendo a molestia maligna, se é benigna são egualmente as que ficam radicalmente curadas. — Succede mesmo que em muitos cordeiros a molestia-se reduz tão sómente aos primeiros symptomas: não ha erupção, apenas febre; e esta os preserva tambem de novo ataque.

A sahida dos dentes chamando para a cabeça o sangue, se a rez está atacada do mal, aggrava de certo a doença, porque faz inchar a cabeça e exaspera as desordens, que desta emanam, como são as inflammações de olhos, os depositos que formam dentro da bocca, ventas etc.

As rezes grávidas abortam, se a molestia é grave, e o aborto trazendo comsigo a inflammação e hemorrhagia ou diarrhea, causa quasi sempre a morte; por que estes accidentes attrahem para o interior do corpo o virus das bexigas, que devia sahir.

A gafeira regular póde mudar-se em maligna occorrendo outras molestias, ou estando a rez já doente: as que mais ordinariamente a complicam são a *hydropisia*, e a *amarilha;* e como estas molestias são devidas a um estado atonico dos tecidos, e dão nas rezes de constituição debil e lymphatica, onde por consequencia a força de reacção medicatriz é fraca, a suppuração das bexigas é por isso imperfeita, esta crise depuratoria insufficiente, e a morte certa.

Esta explicação suscita uma reflexão importante: é que uma vez que as bexigas tenham apparecido, toda a salvação pende de ellas suppurarem bem; por isso é necessario que a pelle tenha a conveniente força de inflammação o que se conhece pelo calor e febre de cada botão. — Uma vez estabelecido este principio póde-se exprimir o conceito sobre a curabilidade da molestia: é claro que na benigna, como os botões suppuram bem, e tem a sufficiente força de elaboração, o prognostico é favoravel; na propria maligna, se apparecem tumores ou depositos, que deitem bastante pus, e nos quaes se observe calór, e a pelle córada de vermelho, póde ter se alguma esperança de cura, particularmente se os demais symptomas não forem atterradores, se não houver fluxo nasal fétido, se não tiver rebentado dentro da bocca e das ventas, se não houver grande embaraço na respiração, se a rez ainda andar, e mostrar vontade de comer, ou se ruminar algumas vezes. — Nas mesmas bases do prognostico deve ser fundado o tractamento ou os cuidados a dar aos doentes: — isto é, deve assentar neste principio «auxiliar as tendencias da natureza á expulsão pela pelle do virus.» — Para este fim cumpre empregar meios que estabeleçam na pelle um constante grão de irritação, *sempre* superior á irritação interior das visceras do peito ou do ventre, afim de evitar que o virus se deposite nellas.

Na regular, as forças da natureza bastam para operar a cura, e dar ao virus uma direcção favoravel. Conservar as rezes n'uma casa temperada, de modo que não apanhem chuva ou frio, sem que comtudo estejam abafadas; — dar-lhes uma comida leve e sadia, ou mesmo deixa las sahir ao pasto para logares abrigados, quando não tenha chovido ou faça vento; não as deixar beber aguas represadas (e para isso é melhor que bebam em casa agua de um dia para o outro na qual se lhes deite uma mão cheia de sal ordinario, ou de salitre), auxiliar quando os botões vão a romper a acção critica da pelle com um sudorifico, que póde ser meio quartilho de vinho branco por cabeça na qual se infunda flores de sabugueiro, dado quente, ou chá de casca de laranja adoçado com mel: eis quanto basta para a cura: a natureza opera o resto.

Porém quando esta molestia é irregular e compli-

cada com accidentes de maior vulto as indicações a prehencher são mais numerosas e o tratamento mais melindroso.

Primeiramente, e antes de providenciar a outra qualquer indicação particular, é preciso attender ao estado da erupção se esta é languida, as bexigas confluentes, se suppuram uma aguadilha, dessorada, esverdeada e fetida, se a pelle se appresenta com aspecto livido e gangrenoso, se a lãa cae, e as forças abandonam o enfermo, convem reanimar-lhas recorrendo a remedios excitantes e sudorificos que actitivem as funcções da pelle, e dêem á secreção virulenta dos botões a necessaria força de que carecem e um character benigno; para isso se dará a cada vez meio quartilho de vinho, no qual se tenha infundido flores de sabugo, quina ou uma pouca de pimenta, que prova bem; póde-se tambem dar a mesma porção de vinho com mel ou com um punhado de sal. (*) — A acção destes remedios internos serão auxiliados com o tratamento externo, lavando e reanimando as pustulas com vinho morno no qual se deite um pouco de rosmaninho, alecrim ou outras plantas aromaticas, que são contra a gangrena, ou untando-as com oleo de zimbro.

Estando as forças exaltadas e havendo febre violenta, a sangria seria conveniente; porém como os lanigeros são de constituição naturalmente fraca e temperamento flengmatico, uma gota de sange menos póde declinar-lhe a molestia para a atonia, que ainda é peior do que a exaltação, por isso é mais prudente suppri-la com a dieta, e beber aguas temperantes, taes como agua com mel ou com uma pouca de sêmea que fazem o mesmo effeito sem o risco da debilitarem.

Um sedenho passado nos peitos é proveitoso, quando o animal ainda tem forças e pelo estado do pulso se conhece se ha irritação interior, porque então obra derivando a dita irritação e tem um ponto fixo da pelle e assim previne, que o virus maligno seja attrahido para dentro do corpo; fóra deste caso é pernicioso o seu emprego, e é mais um padecimento inutil para o animal.

Os vesicantes taes como o oleo de vacas loiras, pomadas de cantharidas etc., são uteis para appressar a actividade dos botões que — *amuam* — isto é que não abrem nem criam pus; bem como dos tumores entaboados, que vem ao pescoço; mas é preciso cuidado no seu emprego; porque do abuso d'elles, podem os ditos tumores gangrenar e a vez morrer.

Os purgantes quaesquer que elles sejão não convem no decurso da molestia, porque chamam para dentro as forças criticas da pelle, supprimem a secreção dos botões e causam a diarrhea, symptoma percursor da morte.

Os laxantes taes como o assucar e o sal ordinario usar-se-ham na convalescença para acordar as faculdades digestivas, abrir o apettite, e desembaraçar o ventre.

A cabeça é a que mais padece, correndo-lhe toda a erupção a ponto de ficar monstruosa com a inchação, assim como o focinho; as bexigas nascem-lhe muito junctas, e quando começam a suppurar, as pustulas lavram e formam crostas muito consideraveis. — Os pastores chamam a esta gafeira *Purgueira* ou de *máu focinho*, querendo significar com isto a abundancia do virus que expelle e a difficuldade que tem em sarar, — porque a final dão em ulceras, que persistem depois da febre; recomendam, que se raspem as pustulas com as costas de uma faca, — se lavem as feridas com vinho morno aromatico e se untem com a seguinte pomada:

Azougue....................	uma onça.
Verdete	meia onça.
Banha de porco...............	meia libra.

ou com azeite doce no qual se incorpore cal virgem, ou cinzas de vides.

As bexigas que vem aos olhos destroem com a suppuração muitas vezes as palpebras e até o globo do olho; convem ter estas partes na maior limpeza, lavando-as para que o pus se não deposite entre o globo e as palpebras, usando conforme o estado da inflammação de collyrios, compostos de infusão de flôr de sabugueiro — sulphato de zinco, agua-ardente, agua vegeto-mineral, agua de rosas etc. — Se é certo o que affirmam alguns escriptores nesta materia, e segundo o que se passa na especie humana — que, as bexigas depois de maduras, se se picam deixando-lhes escorrer o virus, deixam signaes menos evidentes da sua existencia, prevenindo por tal arte, que destrua grande porção da pelle; nada seria mais efficiente para evitar a destruição das palpebras e infiltração dentro dos olhos da molestia, do que ter o cuidado de lhe dar sahida previa por via de feridas feitas levemente com a ponta da lanceta, ou de um canivete. — Este recurso salvaria a vista a muitas rezes.

As bexigas, que vem á roda e dentro do focinho fazendo inchar muito esta parte da cabeça, causam crostas, que intupem, e obstruem as ventas difficultando a respiração, de maneira que a *ronqueira* é ás vezes mais o effeito deste embaraço, do que propriamente do pulmão; convem despegar as ditas crostas afim de permittir o livre accesso ao ar, chapinhando repetidas vezes o focinho, e mesmo introduzindo-lhes pelas ventas agua e mel.

(Concluir-se-ha.) *J. I. Ferreira da Lapa.*

(*) Segundo uma carta que tenho á vista do Sr. Veterinario do 6.° de Cavallaria parece, que na Beira dão aos carneiros atacados da molestia, sardinhas salgadas a comer: se este remedio prova bem não é senão pelo sal, que as sardinhas levão, e por isso á falta das sardinhas o sal por si só faz o mesmo effeito.

MODO DE PRATEAR A PORCELANA.

141 A applicação da prata á porcelana é já ha muito conhecido; mas os resultados dos antigos processos não eram nem tam perfeitos, nem como os que se obtem pelo novo processo de Mr. *A. Rousseau.*

A prata applicada por Mr. *A. Rousseau* appresenta um brunido muito nitido, e um fundo branco metallico, que parece nacarado, e os ornatos de cores tornam-se mais formosos, porque parecem pintados sobre este fundo, que se póde pela belleza comparar á perola.

É sabido que a prata perde, pela acção do ar carregado de partes sulfurosas, primeiro o brilho e a alvura, depois o aspecto metallico, e fica com a apparencia de chumbo a ponto de se tornar de todo negra: e é isto que tem feito renunciar ao uso da prata nas

boas fabricas de porcelana. A limpeza póde tornar a dar á prata o brunido, mas não a côr; e, por mais delicada que seja esta operação, a camada de prata vae se tirando pouco a pouco.

Pelo processo que vamos expôr, a prata não é alterada, pela acção do enxofre, que se possa encontrar no ar atmospherico.

Para obter um tal resultado, Mr. *Rousseau*, estende, com o pincel, uma camada fina de ouro sobre a prata de que a porcelana já está coberta, antes de passar pelo fogo, que, com a ajuda de um pouco de fundente e a acção de um calor vermelho-cereja, deve fixar os dois metaes sobre a porcelana.

No methodo, porém, de pôr a camada de prata, são necessarios certos cuidados, que vamos indicar com brevidade. A prata deve ser dissolvida em agua, que contenha pouco acido: deve ser lentamente precipitada pelo cobre; e o precipitado muito lavado. É necessario que a prata seja colocada n'uma camada espessa e viscosa, que fique assim vinte e quatro horas antes de se lhe dar a camada de ouro dissolvido, de que deve ser coberta; emfim que seja tudo cosido com um fogo brando.

É este o processo para obter um prateado bello e inalteravel.

C.

MODO DE TORNAR OS ESTOFOS IMPERMEAVEIS, POR MR. ROGERS. (*)

(PATENTE AMERICANA)

142 O processo consiste em saturar os estofos com uma substancia, que não tenha affinidade com agua, e que deixe penetrar o ar. Eis-aqui como o auctor descreve a seu methodo.

Dissolve-se em uma porção de agua certa quantidade de sulfato de soda na proporção de dez onças para duas canadas e meia de agua. Mergulham se os estofos neste mixto, até elles se impregnarem bem. Feito isto tornam se a mergulhar em uma solução de agua e acetato de chumbo. Deixam-se estar nesta solução o tempo necessario até se verificar a reacção chimica, que converte os dois saes em acetato de soda soluvel, e em um sal de chumbo insoluvel. Este ultimo sal fica depositado nos fios do estofo, e forma o principal agente que o torna impermeavel. Alcançado este resultado, retiram-se os estofos de dentro desta ultima solução, e immergem-se em um mixto de dezeseis gotas de acido sulfurico e duas canadas de agua. Esta immersão tem por fim converter em um sulfato completamente saturado de acido o sal, que se depositou nos fios. Com o fim de faser desaparecer o cheiro desagradavel que deixa o acetato de chumbo, passam-se os tecidos por agua em que se lançou uma pequena porção de camphora.

Lavam-se depois os estofos em agua de sabão quente, a fim de os purgar de todo o excesso de acido, e de outras materias.

O auctor adverte que se póde substituir o sulfato de soda por outros sulfatos, que estejam em estado de produsir os mesmos resultados.

(Journal des Usines.)

(*) Já em o nosso n.º 5 noticiámos, que na travessa da Victoria n.º 18, se impermeavam estofos de toda a qualidade, com o melhor resultado.

MANEIRA DE SOLDAR O AÇO FUNDIDO NO FERRO, POR MR. BROWN, DE SHEFFIELD.

(PATENTE INGLEZA.)

143 O auctor propõe a seguinte maneira de soldar o aço fundido ao ferro, para delle fabricar as chapas das rodas. Toma o ferro conveniente, para que ligado com o aço, forme a chapa. Dá a esta porção de ferro uma temperatura elevada, e quando elle está proximo do seu ponto de fusão, encerra-o em uma fórma de ferro fundido, que deve tambem receber o aço derretido. Aconselha que esta fôrma seja formada de duas peças, porém susceptiveis de ser promptamente juntas logo que receberem o ferro. Uma vez collocado este na fórma, lança-se para dentro o aço derretido. O auctor diz que a solda se effectua completamente, e que este processo faz obter chapas superiores ás que se fabricam soldando o aço no ferro pelos meios ordinarios.

(Journal des Usines.)

MACHINA ELECTRICA DE BRETON.

144 Na Sessão da Sociedades da Sciencias Medicas de Lisboa, de sabbado 15 do corrente, leu o Sr. Dr. Beirão, seu presidente, uma descripção de uma nova machina electrica medica de invenção de Mr. Breton, na qual o agente que desinvolve as correntes de inducção é o galvanismo, como no de Clark é o magnetismo. Esta machina é muito mais barata do que a de Clark; com tudo ainda é pouco conhecido em Lisboa. O Jornal de dezembro d'aquella Sociedade trará a sua descripção, e uma gravura, que a representa.

* * * * *

PARTE LITTERARIA.

O PRESO (*).

III.

145 Mal pude dormir. — Não sei que magico encanto me arrasta para estas paginas. — Era ainda noite—levantei-me, e fui procural-as!

Como não hade ser assim, se ellas são as recordações, que tenho na desventura do tempo feliz, que já passou.

Este albor da manhã é como uma esperança animadora vinda da mansão eterna!

E os infelizes, que me cercam, não olham para a luz do dia, não ouvem o gorgear das aves. . . Tudo morreu para elles. . . a consciencia e a natureza!

Esta hora é um mysterio. Não sei que é feito de mim, mas parece-me que só nestes breves momentos da manhã é que me sinto viver!

Que haverá mais encantador, do que ver o descerrar das trevas da noite, para surgir do seio dessas sombras indecisas o reflexo da luz, que vai alu-

(*) Vem do n.º 6.

miando os campos... Anjo descahido, o homem não saúda a aurora! É verdade que o sopro de Deus o anima, mas traz na fronte a marca do peccado, posta pelas proprias mãos, e não póde como a ave saudar o Creador, quando o correr do tempo lembra nas suas diversas phases a obra grandiosa da creação?

Quantas vezes a esta hora caminhei pelos montes sem admirar tantos encantos! Se olhava para o céu, não era para o contemplar; os meus olhos procuravam a ave mal despertada, que vinha juntar a sua voz ao harmonioso concerto da naturesa — Se a via, desfechava a espingarda, e a misera, que ía embriagada no prazer e na liberdade, cahia-me aos pés palpitante e ensanguentada!

E agora tudo para mim é differente; encanta-me esta sombra de aurora, e faz-me lembrar, com amarga saudade, a vida que perdi sem a saber avaliar. Via sem maior reparo esses bandos de aves que o sol despertava, e ao presente não posso tirar o pensamento da que veio pousar naquelle varão de ferro, e que roçando as variegadas azas pelas grades, solta um gorgeio agudo. É o cantico da liberdade, que vem morrer no mais intimo da minha alma.— Quizera repetil-o.— Não posso.

Estou preso!

Foi Deus que me enviou o cantor dos bosques, para arredar-me a fantasia de sobre a chaga que me dilacera o coração.

Quero pagar com uma promessa este momento de ventura. Se um dia, a minha mão fôr livre, não desfechará mais contra esses maviosos cantores. Aquella boa alma, que tanto amo, tambem hade ajudar-me a cumprir o voto.

Era a sua lembrança que me armava o braço.

Quando voltava á villa, carregado de caça, via que a alegria lhe brilhava nas faces com o meu triumpho.

Parecia-me uma scena dos povos da antiga Roma, quando no meio dos applausos de todos os nossos visinhos eu offerecia esses despojos á dama dos meus pensamentos. — Era como um sacrificio feito ao amor; mas era um attentado manchar, com sangue, tam puro affecto! Se o meu padecer é castigo de tal crime, bem dura deve ser a expiação, que Deus esteja guardando para o que estendeu aos meus pés o cadaver desse amigo, que choro, e do qual a justiça me quer fazer assassino!

Para que se haviam d'aquelles dois homens odiar assim!

¡ Santo Deus, que rancor tam fundo e desesperado!

Ambos amavam... mas porque triste fatalidade o amor andava assim junto ao odio!

Custa-me ter de escrever de tam horrivel caso, mas assim o exige o meu descanço, e a minha memoria, que um dia hade surgir desta nuvem de sangue, em que a somem as formulas de um processo.

Quando os homens me fizerem justiça, já Deus me terá concedido a palma do martyrio.

(Contínúa.)

A MINHA AMA.

Do, do, l'enfant do,
L'enfant dormira tantot.
Béranger.

146 « Cruzes!... Credo!... Deus me livre!
« Para longe as tentações!
« Sonhando com uvas pretas,
« Com ellas sonhei traições!»

E resou o credo em cruzes,
E benzeu-se cinco vezes,
E ficou-se resoluta
Para affrontar os revezes.

« Querem ver que o lubishomem,
« Mal trindades der o sino,
« Vem tentar inda esta noite
« No seu berço o meu menino!

« Foge d'ahi, lubishomem!
« De cima desse telhado;
« Deixa dormir o menino,
« Deixa-o dormir descançado!

A somno solto eu dormia,
Sem cuidar em tentações,
Sem sonhar em uvas pretas,
Sem temer cruas traições.

E a minha ama... coitadinha!
A rezar no seu rosario;
Que o marido, ha já um anno,
Anda a cumprir seu fadario!

Mal que soam as trindades,
Sae de casa sorrateiro,
E anda pelos montados
Transformado n'um sendeiro.

Tres falsas juras, que déra,
O tornaram incapaz
De se ver um anno livre
Do poder de Satanaz.

Acabar devia o anno
Em dia de S. Martinho;
Mas o démo, que não perde,
Lá se foi valer do vinho...

O que elle fez não se sabe,
Mas passa por verdadeiro,
Que andará inda outro anno.
Transformado n'um sendeiro!

Agora de que eu não temo,
É d'ouvir-lhe a tentação;
Que não quer Deus que o demonio
Domine n'um bom christão.

E a minha ama!... coitadinha!
Em chorar, chorar porfia:
Se a Virgem Santa a não ouve,
Ai! que perde a luz do dia.

L. A. Palmeirim.

O TROVADOR.

147 Em um dos numeros anteriores demos a satisfatoria noticia, de que o *Trovador* continuava a illustrar a nossa patria. Recebemos tam boa nova com a remessa dos ultimos tres numeros.

O *Trovador* não é um simples jornal, que represente o pensamento de um homem, nem é tambem a expressão de uma corporação, como talvez parece.

Além do merito pessoal dos seus redactores, além do mui elevado conceito, que a todos merece a Universidade de Coimbra, existe uma idéa grandiosa, que hade communicar ao *Trovador* a immortalidade.

Os sons maviosos com que a sua lyra louva a Religião de nossos maiores, as canções em que a honra e o valor portuguez brilham cercadas pela gloria, são o pensamento da nova geração.

O *Trovador* irá até á posteridade coroado com os louros que o adornam, porque traz no peito como devisa a cruz, e traja as côres nacionaes.

O facto mais incontestavel da nossa civilisação é o rapido desinvolvimento da intelligencia.

As edades e as posições desapparecem ante a necessidade da instrucção. Todos querem aprender. — Todos querem provar que sabem.

Este desejo, anima o mundo civilisado, e não é como alguns pensam possuido unicamente por certas nações.

A obra dos seculos pertence a todos os povos.

Portugal está, ha perto de meio seculo, amarrado, não ao tumulo que o hade encerrar, mas ao leito onde exhalará o ultimo suspiro, á força de padecer, se a nova geração o não salvar.

A transição hade acabar. Mas ainda não bateu a sua ultima hora. No entanto as lides do entendimento ahi estam para captivarem o animo dos que ainda creem no futuro, porque teem crença em Deus e na propria consciencia.

O nosso coração é novo mas é portuguez; a agua do baptismo chegou-nos ao intimo da alma; e o fogo do enthusiasmo parece querer alumiar-nos a intelligencia quando vêmos os mancebos elevarem brados eloquentes em favor da patria.

Estes protestos da mocidade são a sua maior gloria.

A geração sobre quem se vão cerrar as portas do tumulo, atirou-se pelo caminho da vida, levando na frente a espada de Napoleão e o septicismo de Voltaire.

A nova geração só queria por estandarte a thiara de Pio IX, ou a fé de Chateaubriand.

A nossa esperança nasce destas crenças.

Quando em outro jornal (*) annunciámos a publicação da *Revista Academica*, foi tambem pelos mesmos motivos, porque hoje nos regozijámos com a continuação do *Trovador*.

A épocha em que estâmos não permitte, que se analyse uma publicação com a critica minuciosa das escholas. — É mister olhar de mais alto e vêr se as differentes partes de que se compõe, produzem essa harmonia, que fórma um pensamento elevado.

Examinando assim as obras que entre nós se tem publicado ha algum tempo, conclue-se que não é só o *Trovador*, a *Revista Academica*, e outras publicações feitas em Coimbra, que trazem o cunho da fé e da nacionalidade. Em quasi todas as producções dos mancebos se divisam tão sublimes emblemas. Nesta cruzada da civilisação não fáltam guerreiros já experimentados que venham encorporar-se aos combatentes noveis. Estes escolhidos de Deus abraça-os a mocidade, são seus irmãos, e considera-os a columna de fogo, que indicára aos Israelitas o caminho da Terra da Promissão.

Só deste modo nos parece dever julgar o — *Trovador*.

A religião e a nacionalidade brilham nas suas paginas. — É um livro que não hade morrer. A sua collecção será um dia precioso thesouro para os que tiverem de formar a historia litteraria do nosso seculo.

Esperamos que a mocidade academica não interromperá nunca uma publicação, que não será o menor padrão da sua gloria.

RECREIOS DO CORAÇÃO.
III.
A QUEM?

148 Nos teus olhos, nadando em ternura,
Vejo ardente, invencivel paixão;
Leio nelles a minha ventura,
Doce enlace do meu coração.

Quando os fitas em mim compassiva
Das torturas, que sofro por ti;
Meiga esp'rança no peito se aviva,
Que vacilla, promette e sorri.

É debalde que escondes no peito
Esse amor, que me faz tam feliz;
No teu rosto a lêr stou affeito,
Não desfarces, que tudo me diz.

Porque affectas a paz socegada
D'alma vã sem gosar nem sofrer?
Porque inculcas a chama apagada
D'esse fogo, que dá só praser?

Com meus olhos subtis, vigilantes
É debalde que intentas fingir;
Vivos raios d'amor scintillantes
Não se podem a amor encobrir.

Sêde pois verdadeira, sincera,
Solta as vozes do teu coração,
Esse ardor que no peito se gera,
Deixa-o livre brotar sem coacção.

J. M.

(*) Illustração.

IV.

O TEDIO (LA NOJA.)

TRADUZIDO DO ITALIANO; DE C. BONDI.

É bicho preguiçoso, é indolente,
Que do ocio nos vem por geração;
Nunca sabe o que quer, nega e consente,
Uma vez diz que sim, outra que não;
Sempre cançado, nunca diligente,
Caminha pouco, pára e cáe no chão;
Os olhos abre e fecha de vagar,
E quando falla é sempre a bocejar.

M. J.

JORNAL DE PHARMACIA.

149 É muito para louvar que a par dos jornaes encyclopedicos se publiquem os jornaes especiaes.

O jornalismo não se dividindo deste modo deixaria de cumprir a sua missão. Em tal caso á similhança do que Victor Hugo disse ácerca do edificio e do livro, poderia asseverar-se que o jornal acabaria com o livro; o que era uma grande calamidade.

Nos jornaes especiaes talvez que a civilisação d'um paiz, e a sua boa organisação social se revelem mais do que nas outras publicações.

Em França, por exemplo, onde as classes menos elevadas não são embrutecidas como na Inglaterra pela monstruosa divisão da propriedade, ha muitos jornaes redigidos e sustentados até por simples operarios.

Da importancia, que ligamos aos jornaes especiaes, resulta que vimos com satisfação que sahiu a lume o *Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa*, redigido pelos pharmaceuticos, *José Tedeschi*, *J. J. de Sousa Telles*, e *Vicente Tedeschi.*

O primeiro numero vem variado, e parece prometter que os redactores farão por merecer não só o auxilio da sua classe, mas o das pessoas que se interessam pelas differentes descobertas, que dizem respeito a um ponto que tão de perto se aproxima da saude dos povos.

A QUINTA DA PENHA-VERDE EM CINTRA.

150 A quinta da Penha-Verde, em Cintra, foi fundada por D. *João de Castro*, no XVI seculo. Nesta admiravel estancia eternisada pelos seus encantos, ha muitas arvores annosas, venerandas, e corpulentas, que causam pasmo, as quaes deram sombra a nossos heroes e reis. Que vastos projectos escutariam tractar quando entre ellas passeavam os grandes, os destemidos, e respeitados Portuguezes. Elrei o Sr. D. *João III*, nesta residencia de D. *João de Castro*, o procurava, e convidava para com elle tractar graves negocios do estado. Sempre que nesta quinta se entra faz lembrar comparal-a a uma tragedia de *Shakspeare;* simples, sublime, e bella como a natureza em seus dominios.

No remate desta vivenda, no monte chamado das *Alviçaras*, onde está fundada uma Ermida, com a invocação de Santa Catharina, (a qual mandou edificar D. *Francisco de Castro*, Bispo da Guarda, em memoria de D. *João de Castro*, seu Avô, ter sido armado cavalleiro em Santa Catharina do Monte Sinay), a vista que se descobre deste ponto é por extremo maravilhosa. A feição de um panorama de que ametade estaria coberta por um lençol de folhagem, póde o espectador gosar um grande quadro em semicirculo, representando a meia face do horisonte que lhe fica para o norte. Ao longe divisa-se o Oceano em toda a sua magestade, e mais perto uma grande extensão de terreno, pela maior parte cultivado, e cheio de pequenos povoações, que lhe dão vida ás mãos cheias. Um pouco para o nordeste se eleva em suas dimensões collossaes o grande Palacio, Convento e Igreja de Mafra, que dista d'ahi tres leguas. Maravilha de arte, fundação de Elrei o Sr. D. *João V*, no anno de 1717. (1) A poesia achou sempre na quinta de Penha-Verde assumpto com que occupar e distinguir os seus mais esmerados alumnos. Egualmente alli se observam varios cippos, contendo inscripções asiaticas e sanscritas (interpetradas já por *C. Wilkins*,) tropheos alcançados na India pelo famoso conquistador de Diu, e della por elle trasidos. Sabido é pela historia que D. *João de Castro*, com grande gosto cultivava a sua herdade de Penha-Verde. O elegante historiador do heróe de Diu, *Jacintho Freire de Andrade*, diz que elle cortava na sua quinta de Cintra, pelas suas mãos todas as arvores fructiferas para plantar arvores silvestres, *a fim de mostrar que nem da terra que cultivava queria recompensa.* Com perdão de *Jacintho Freire*, que ninguem présa mais do que eu, pois nos legou um perfeito modelo de força, gravidade e energia da legitima linguagem portugueza: porém elle para encarecer o desinteresse do seu heroe o levou muito longe fazendo-lhe produzir um conceito falso, d'aquelles que o mau gosto de seu seculo trasia muito em uso. Era necessario que D. *João de Castro* fosse temerario, para fazer tal operação pelo motivo apontado por *Andrade.* A verdade é que *Castro* cortou algumas arvores de fructo para fazer um jardim chinez (do qual inda hoje, em Penha-Verde, se mostram restos delle), pelo modêlo dos que tinha visto no Oriente, e todos sabem que os jardins irregulares (chamam hoje a esta composição de jardins um *Quodlibet*) foram no XVI seculo, e depois denominados — *Jardins de D. João de Castro*, por ter sido elle o primeiro que os plantou na Europa. Vide *Paizagens de Marnezia*, Poema. — Agora em quanto ao boato vulgar de que *D. João de Castro, deixou no seu testamento uma verba na qual determina que nenhum dos seus descendentes possa plantar uma só arvore, ou arbusto de fructo, na sua quinta de Penha-Verde, em Cintra, com a clausula de que fazendo o contrario passe a dita quinta para a Casa da Misericordia da referida villa.* Tal verba se não acha no seu testamento, feito em Lisboa aos 19 de março de 1545.

O que não carece de duvida, é que o Bispo da Guarda, e Inquisidor Geral D. *Francisco de Castro*, já citado e fallecido no 1.º de janeiro de 1653, deixou no seu testamento duzentos mil réis de juro annual para os reparos do Convento da Invocação da Santa Cruz dos Recolletos Franciscanos (fundada em 1560), por D. *Alvaro de Castro*, a rogos e recommendações de seu illustre Pae D. *João de Castro*) deixando por administradora deste e outros legados a Casa da Miseri-

(1) A obra de Mafra foi um impulso dado á architectura, despresada havia tempos em Portugal, apoz successivos desastres. Não ha de o philosopho considerar este edificio simplesmente como o capricho de um Monarcha poderoso, ha de calcular os effeitos que para o gosto e cultura das Boas-Artes, e até de muitos officios mechanicos d'alli derivaram. Desculpa tem pela edificação de Mafra, quem erigiu o aqueducto das Aguas-Livres!

cordia da villa de Cintra. Pelo decreto de 28 de maio de 1834, ficou o citado Convento encorporado nos Bens Nacionaes, e hoje se acha em quasi total ruina!

Monumentos que attestaes os mais gloriosos feitos, a sabedoria, e magnanimidade dos passados, cahi em terra, e com as vossas ruinas memorae no porvir o desatino e mesquinhez dos presentes!

Abbade Castro.

REVISTA CONTEMPORANEA.

(JORNAL MENSAL).

151 A imprensa é a arena mais ampla, em que se batem os campeões da nova civilisação.

N'estas lides do intendimento, assim como nas luctas da força e da pericia, ha leis de cortezia, ás quaes se não póde faltar.

Quando um campeão entra na liça, é mister saudalo com a franqueza de cavalheiro. Faremos por nunca faltar a estes deveres da profisssão, que ora exercemos.

A *Revista Contemporanea* tem por fim conciliar a parte amena da litteratura com o interesse, que se liga á vida publica dos homens mais importantes de todos os partidos.

Em toda a parte esta missão era difficil, mas em Portugal, por em quanto, temol-a pela mais espinhosa, se não impossivel, que se póde emprehender. Já se vê, que a primeira parte da *Revista Contemporanea* fica fóra da nossa alçada, porque o plano do nosso jornal veda qualquer assumpto, que tenha a mais remota relação com a politic[illegible] do dia.

Na primeira parte contém a biographia do Sr. Conde de Thomar, acompanhado de um retrato: promette, que nos seguintes numeros publicará as biographias dos Srs. Duque de Palmella, Duque de Saldanha, Conde das Antas, Duque da Terceira, General Povoas e José Bernardo da Silva Cabral.

Quanto á parte puramente litteraria, permitta o novo jornal que façamos um reparo. Lemos com muito interesse as instrucções hygienicas, que na terceira parte publica, ácerca da cholera morbus, as quaes foram feitas pela Academia Real de Medicina de Paris. Agradaram-nos, mas gostariamos muito mais de vêr no seu logar uma *Chronica* engraçada e decente, como convém a um jornal que deseja acreditar-se. Parece-nos que ficaria alli bem. Esperamos que nos não levem a mal a lembrança, que de modo nenhum é uma censura.

Oxalá que no decurso da nossa redacção tenhamos de saudar muitos outros campeões. A solidão no campo da sciencia e da litteratura faz desfalecer o animo, a quem só deseja os melhoramentos reaes da sua patria.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

13 A 19 DE JANEIRO.

152 Portaria ordenando que nas terras, onde não houver notas á venda, devem os recebedores fiscaes acceitar a parte em notas toda em metal; assim como, quando se der a circumstancia do valor das notas no mercado ser superior ao que se achar fixado pelo governo, podem os individuos satisfazer em metal seus debitos.

Outra estipulando que, quando em alguns districtos do reino se mandar pagar aos credores do estado, e nos mesmos districtos se der a circumstancia de não haver notas em cofre, e de não poderem ser compradas sem perda para o thesouro, se cumpram as ordens de pagamento dando-se em metal a parte correspondente a notas.

PRAÇA DE LONDRES.

153 As noticias que recebemos alcançam até ao 1.° do corrente. A situação commercial continuava a melhorar, e o estado do Banco era cada vez mais favoravel, e dos Estados-Unidos, tinha recebido ultimamente uma remessa de 30 mil libras em moeda metalica.

Da Russia continuava a receber-se sommas avultadas de metal em barra.

Em consequencia do Banco ter descido a 5 por cento a taxa do desconto, houveram letras que se negociaram na praça a 4 $\frac{3}{4}$ por cento.

Esta reducção teve já os seus resultados naturaes.

De Paris com data de 29, partecipa ao *Economist* o seu correspondente, que o Conselho Geral do Banco de França acabava de tomar a resolução de reduzir de 5 a 4 por cento a taxa do desconto.

O Banco de Irlanda já consta que desconta a 5 ½ por cento.

Nos Estados-Unidos é que ainda a crise não passou, e pelas noticias recebidas em Londres de Nova-York, constava que o desconto regulava entre o excessivo preço de 12 a 15 por cento ao anno.

Na data a que nos referimos, no principio do artigo, os consolidados haviam chegado a 85 ½; os fundos portuguezes de 4 por cento tinham chegado a mais de 23.

AINDA OS TREMORES DE TERRA.

154 No artigo, que escrevemos, sobre tremores de terra, quando este phenomeno espalhava em Lisboa um terror geral, ousámos avançar, que os abalos que se sentiam pareciam não terem a causa perto da cidade.

Differentes periodicos estrangeiros teem publicado algumas noticias, que vem confirmar de algum modo esta supposição; as principaes dão conta de uma montanha, que desappareceu situada a tres milhas do caminho de Kolpan na ilha de Titomon. A *Vigia do Oeste* noticiou, que em S. Malo e seus arrebaldes ao cabo de uma tremenda tempestade, que durou tres dias, os habitantes foram despertados por uma violenta detonação seguida de um ruido subterraneo prolongado, sentindo-se ao mesmo passo um forte tremor de terra.

Em *Saint-Jean en Royans* nos confins do departamento do *Drome* e de *l'Isére* sentio-se tambem um violento tremor na madrugada do dia 30 de novembro. O abalo foi tal, que algumas pessoas foram arremesada[illegible] a cama.

[illegible] Valence egualmente se sentiu um tremor na direcção de Leste para Oeste no 1.° de dezembro.

Já no dia 1.° de novembro se tinha sentido egual phenomeno na Martinica e em *Port-au-Prince* na Ilha de S. Domingos.

As noticias recebidas de Napoles dão conta de que appareceram novas erupções no Vesuvio. No dia 13 de novembro dez torrentes de lava sahiram das suas crateras seguindo a direcção do Sul até Otojana, Bolque Real e Torre d'il Grecco.

As datas destes acontecimentos são todas differentes, o primeiro foi ainda em outubro, mas de proposito

aproximamos as datas, porque estas provam a theoria de que os repetidos tremores são mais o resultado de grandes catastrophes, ou simples abalos sem grave consequencia do que simptomas de um desses espantosos cataclysmos da natureza, que vem de subito como se Deus, contando com a fraqueza do homem, o não quizesse fazer succumbir só com os indicios de tam extraordinario phenomeno.

ROUBOS.

155 Tem havido alguns roubos de pouca monta no interior da cidade.

Nos arrabaldes continua a ser perigoso transitar, não sendo na fôrça do dia.

Parece que no Porto os ladrões roubam com mais descaro, o seguinte facto quasi que o prova.

Em um dos ultimos dias de dezembro, pelas seis horas da tarde, em Massarellos, roubaram violentamente um homem, entrando-lhe em casa e amarrando-o com cordas. Só em dinheiro levaram para mais de um conto de réis.

ESCOLA POLYTECHNICA.

156 No dia 17 do corrente começou na sala do pateo da moeda o concurso para a 8.ª cadeira de Zoologia, a qual era regida pelo nosso mestre e chorado amigo, o Sr. Xavier de Almeida.

Os concorrentes foram o Sr. Assis de Carvalho, que ha 10 annos é lente de Zoologia na Academia Real das Sciencias; e o sr. Tavares professor de um dos lyceus de Lisboa.

O concurso segue no dia 26, e no dia 31 do corrente, e acaba no dia 5 de fevereiro.

Ambos os candidatos deram provas de intelligencia, e de estudo. Só quando o concurso esteja terminado aventuraremos mais algumas considerações.

PRAÇA DE LISBOA.

157 O mercado dos papeis de credito tem estado paralisado. — Não tem havido alteração notavel nos preços cotados. As notas são recebidas e dadas pelo Governo, pelo valor de 2,910 cada moeda.

BAILES — THEATROS — CORRIDAS.

158 É no inverno que as capitaes de todas as nações impõem ás provincias o seu dominio absoluto.

Todos concorrem para o lugar onde os mais extravagantes caprichos da imaginação se ostentam no meio das galas e dos prazeres fugitivos da vida.

Parece incrivel, mas é verdade. — Nas salas de baile, e nos theatros se tem resolvido uma questão economica, que por não ser bem percebida, fez commetter graves erros a muitos homens celebres.

O luxo é hoje o mais avultado recurso do pobre. Este ponto não é para duas linhas, talvez que mais detidamente o tractaremos. Lembrou-nos ao termos que fallar do que torna mais agradavel um inverno passado em Lisboa.

Os bailes começam de um modo brilhante. Domingo começaram as recepções da Côrte. A primeira esteve concorrida e animada.

Ao Baile esplendido do Sr. Marquez de Vianna seguiu-se o do — *Hotel da Peninsula.*

Este baile foi a realisação de um pensamento, que ha muito andava na mente de alguns cavalheiros da sociedade mais escolhida. Queriam reunir-se dando um baile. Assim o fizeram. A reunião foi como se esperava, concorreram pessoas dos diversos partidos politicos, e não faltou quem observasse no meio de uma das salas dous generaes, que se abraçavam e que ainda ha pouco, por desgraça desta malfadada terra, desembainharam a espada um contra o outro no campo de guerra das nossas tristes dissenções.

O Baile do Club de terça feira não deixou nada a desejar.

Os theatros é que não sabem tirar partido da estação; apenas o Gymnasio pela variedade dos espectaculos, e repetição das representações tem podido obter que seja concorrido por pessoas de muita distincção.

No theatro de D. Maria II representou-se pela primeira vez uma comedia nova — O Cavalheiro de S. Jorge. — Havia de ser muito apreciada, se o Lazaro já tivesse ressuscitado.

Do theatro de S. Carlos, pobre tonto, por hoje só diremos, que talvez acabasse a profunda somnolencia administrativa, ao estrepido de um escandalo que toda a imprensa tem stygmatisado. Deus o queira: se não fosse isto dar-nos-hiam algum dia uma corrida de touros, e ouviriamos os vendedores de agua a substituir pelo seu pregão a voz da Sr.ª Olivier, ou da Sr.ª Patriossi.

A maior novidade da semana foi o interesse que despertaram as corridas no Campo Grande.

Este ponto é mais importante de que muitos pensam. Convinha por todos os modos animar este divertimento que tanto póde influir em o nosso commercio de gados.

É vergonha que uma nação peninsular vá como a nossa fazer as suas remontas aos paizes do norte.

O inverno tem corrido optimo para estes exercicios, e peza-nos que já se deixassem perder os melhores dias.

Domingo houve no Campo Grande uma vistosa reunião de cavalleiros. As senhoras animaram com a sua presença este divertimento.

Notaram-se alguns *trens* elegantes.

Nas corridas distinguiram-se os Srs. Galveas, os quaes muito concorreram para que houvesse a reunião. Seja dito em seu louvor.

A Inglaterra, que é incontestavelmente a nação mais commercial do mundo, dá-nos sobre a materia importantes lições.

A França não deixou de as aproveitar.

O inglez, verdadeiro typo da nacionalidade moderna, lê com tanta attenção o *Times* no artigo *Money-Market*, como o *Sporting Intelligence.*

A percenptagem dos tantos por cento no augmento da renda nacional sabe a calcular em ambos.

Os *clubs* dos amadores das corridas são uma cousa que mal se comprehende. A primeira nobreza da Inglaterra, as frontes coroadas fazem parte dessa associação.

Em França aconteceu o mesmo.

Domingo proximo se o tempo estiver bom, é provavel que as corridas promovam uma brilhante reunião no Campo Grande.

A Revista publicará, talvez no proximo numero, um interessante artigo, que temos ha algum tempo em nosso poder ácerca da creação do gado cavallar, e assim provaremos a attenção que o assumpto nos merece.